

Aspectos do sofrimento humano e do senso de coerência presentes no drama final de Jesus Cristo

Aspects of the human suffering and the sense of coherence in Jesus Christ's final drama

Nílo E. Gardin¹

¹Médico antroposófico e homeopata

Endereço para correspondência:

nilogardin@superig.com.br

Palavras-chave: Senso de coerência; cuidados paliativos; espiritualidade; antroposofia; cristologia; salutogênese.

Key words: *Sense of coherence; palliative care; spirituality; anthroposophy; christology; salutogenesis.*

RESUMO

O autor revisa três momentos do drama sagrado de Jesus Cristo nos seus momentos finais e caracteriza três fases do sofrimento humano: o pedido "Pai, [...] afasta de mim este cálice", a necessidade de ajuda ao carregar a cruz, e as palavras na cruz "Deus meu, por que me abandonaste?" Dado o caráter não só humano (explicitado pelo sofrimento), mas também divino de Jesus Cristo, os Evangelhos apontam para as respectivas superações internas a esses aspectos do sofrimento: o medo e a entrega confiante, a necessidade de ajuda e a sua aceitação humilde, o abandono e a contemplação (ou a entrega) amorosa. Dessa forma, os três componentes do senso de coerência, como definidos pela salutogênese, estão presentes nesses três momentos do drama sagrado, a saber, a manuseabilidade, a significabilidade e a compreensibilidade.

ABSTRACT

The author reviews three moments of the Jesus Christ's sacred drama in his final moments and features three stages of human suffering: the request "Father, [...] take this cup from me", the need for help to carry the cross, and the words on the cross "My God, why hast thou forsaken me?" As Jesus Christ had not only the human character (demonstrated by suffering), but also a divine one, the Gospels indicate the respective internal overruns to these aspects of suffering: fear and entrustment, the need for help and his humble acceptance, abandonment and loving contemplation (or giving of self). Thus, the three components of the sense of coherence, as defined by salutogenesis, are present in these three moments of the sacred drama, namely, manageability, meaningfulness and comprehensibility.

Os mistérios da vida humana são, de fato, infinitos. Como profissionais de saúde, dedicamos boa parte de nosso tempo e energia num determinado aspecto desses mistérios: o sofrimento humano. Como missão primária, somos treinados para curar os doentes: “A mais alta e única missão do médico é restabelecer a saúde dos doentes, que é o que se chama curar”, escreveu Samuel Hahnemann, o criador da homeopatia.¹ Quanto mais experiente for o médico, porém, mais ele saberá que nem sempre é possível curar. Mas sempre é possível cuidar. E cuidar significa, dentre outras coisas, abrandar o sofrimento. “O sofrimento somente é intolerável quando ninguém cuida”, afirmou Dame C. Saunders, enfermeira inglesa pioneira na valorização dos cuidados paliativos e do movimento *hospice* na medicina moderna.²

Diversos autores formularam o que se pode chamar de fases do sofrimento humano. Elisabeth Kübler-Ross escreve sobre o luto e a perda:

O luto compreende necessariamente uma série de reações que são normais quando sofremos uma grande perda afetiva. Assim passamos pela negação (“não é verdade, não estou acreditando”), a raiva (“como podem ter feito isso comigo?”), a barganha mágica (“talvez eu pudesse fazer alguma coisa para evitar”), a depressão (“minha vida não tem mais sentido”), a culpabilidade (“deveria ter agido de outro modo”) e, enfim, a aceitação (“eu fiz o melhor que pude, não há mais nada a fazer”).³

Para Dorothee Soelle, são três as fases na relação pessoal com o sofrer: o sofrimento mudo ou vitimização, o choro de dor e lamento – quando o sofredor encontra voz e expressa sua condição de modo articulado, e finalmente a fase em que o vitimizado se move para a ação para se liberar.⁴

A compreensão do sofrimento em suas diversas fases é fundamental para quem cuida de seres humanos, pois pode nos habilitar a cuidar melhor, acolher as várias expressões do sofrer, ajudar a trazer mais consciência ao doente sobre suas vivências e fundamentalmente oferecer um caminho de superação.

A NATUREZA HUMANA E DIVINA DE JESUS CRISTO

A antroposofia é uma filosofia de base cristã, explicitada pelo fato de que Rudolf Steiner, seu fundador, dedicou várias de suas obras à cristologia.

A vida pública de Jesus Cristo, dos seus 30 aos 33 anos, expressa elementos de sua natureza humana e principalmente divina. Steiner cita essa união das entidades humana e divina no momento do batismo no rio Jordão:

Para o pensador antroposófico, deveria ser de antemão elucidativa a possibilidade dessas duas coisas: o desen-

volvimento do homem rumo às alturas divinas e a descida de entidades divino-espirituais para corpos ou almas humanas. [...] Com que tipo de entidade lidamos, no caso do Cristo? [...] Vimos que pela designação “Cristo, o Filho do Deus vivo”, ele é uma entidade proveniente das alturas. [...] No momento do batismo por João, essa entidade desce, por assim dizer, das regiões da existência solar para nossa Terra, unindo-se a uma natureza humana. Ora, devemos ter bem claro que, no sentido dos quatro evangelistas, essa entidade solar é maior do que todas as outras entidades avatares, do que todos os outros seres solares que alguma vez tenham descido. Por isso exige que lhe venha ao encontro, de parte do homem, uma entidade humana especialmente preparada.⁵

Desse modo, devemos observar com cuidado que nos três últimos anos de Jesus Cristo na Terra, estamos diante de um ser dotado de entidade humana e divina. Isso é fundamental para estudarmos os últimos momentos de Jesus Cristo antes de sua morte, em relação a três aspectos distintos e bem marcados do sofrimento que podem se aplicar ao sofrimento humano.

O PRESSÁGIO DO SOFRIMENTO, O MEDO E A MANUSEABILIDADE

Diante de um grande desafio ou fato novo em que se antevê a possibilidade do sofrimento, ou mesmo em face ao próprio sofrimento, a primeira reação humana pode ser a de tentar se esquivar, passar adiante, como forma de se preservar. Isso também pode acontecer, por exemplo, ao se receber o diagnóstico de uma doença grave ou incurável.

Na noite da quinta-feira da Semana Santa, após a ceia com os discípulos, ao antever o que passaria no futuro imediato, Jesus teve medo e pediu para fosse afastado dele o ‘cálice’. Esta é a reação essencialmente humana:

E foram a um lugar chamado Getsêmani, e disse aos seus discípulos: “Assentai-vos aqui, enquanto eu oro”. E tomou consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, e começou a ter pavor, e a angustiar-se. E disse-lhes: “A minha alma está profundamente triste até a morte; ficai aqui, e vigiai”. E, tendo ido um pouco mais adiante, prostrou-se em terra; e orou para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. E disse: “Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice” [Mc 14: 32-36].⁶

A seguir, supra-humano, o divino, responde a essa angústia e ao medo: “Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” [Mc 14: 36].⁶

Além de Marcos, esse fato é narrado por mais dois evangelistas, Mateus:

Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: "Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar". E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: "A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo". E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres". E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: "Então nem uma hora pudeste velar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca". E, indo segunda vez, orou, dizendo: "Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade". E, voltando, achou-os outra vez adormecidos; porque os seus olhos estavam pesados. E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras [Mt 26: 36-44].⁶

E Lucas:

E, saindo, foi, como costumava, para o Monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram. E quando chegou àquele lugar, disse-lhes: "Orai, para que não entreis em tentação". E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, dizendo: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua". E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão [Lc 22: 39-44].⁶

Nesses três Evangelhos há a descrição do pedido de Jesus a Deus Pai: "passe" ou "afaste de mim esse cálice". No Evangelho de João, não há esse pedido, mas quatro dias antes, no Domingo de Ramos, há a citação:

"Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome". Então veio uma voz do céu que dizia: "Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei" [Jo 12: 27-28].⁶

E mais adiante, a resposta do Cristo quando foi entregue por Judas aos oficiais dos principais sacerdotes e fariseus: "Mas Jesus disse a Pedro: 'Põe a tua espada na bainha; não beberei eu o cálice que o Pai me deu?'" [Jo 18: 11].⁶

Para Steiner, configura-se assim a fragilidade da condição humana:

"Pai. Afasta de mim esse cálice" – eis a súplica daquele que pouco a pouco sente evadir-se de si o Cristo Cósmico e, na fragilidade da condição humana, é abandonado pelos seus e aviltado por judeus e romanos. Seu padecimento, porém, é a possibilidade de evolução de todos os seres humanos.⁷

Diante de um paciente nesta fase, buscando aquilo que pode não ser possível – afastar-se do sofrimento – podemos, como cuidadores, estimular nele as forças da resiliência. Resiliência literalmente é "a propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica".⁸ O termo vem do latim *resiliens*, participio passado de *resilire*, 'ricochetear, pular de volta', de re-, 'para trás', e *salire*, 'pular'. Do ponto de vista da física, a resiliência é definida como a capacidade de um material de absorver energia na região elástica, sendo capaz de voltar à forma original, quando finda a causa de sua deformação.^{9,10} A capacidade de um material estrutural suportar um impacto sem ficar deformado permanentemente depende de sua resiliência.¹¹ Adaptado à psicologia, o termo refere-se à habilidade de recuperação após crises, situações de estresse ou de muita pressão. Ainda que não seja possível voltar exatamente ao estado anterior, pois há um dano seguido de um possível aprendizado, a resiliência determina a recuperação do estado de equilíbrio.

O cultivo da espiritualidade é fundamental para o desenvolvimento da resiliência. Neste aspecto do sofrimento em questão, o "faça-se a tua vontade" implica numa conexão com o eu interior. O indivíduo que se conecta com o que ele tem de divino em si, sua essência imortal, adquire a serenidade oposta à angústia, para lidar com uma situação potencialmente desesperadora. O divino, o Cristo interno, é o elemento em nós que pode responder à situação de medo restituindo o equilíbrio através de uma vontade superior. Isso está presente na terceira petição da oração do Pai Nosso: "seja feita a tua vontade, como no céu, assim na terra".

Steiner considera que uma oração não é verdadeiramente cristã se tiver por objetivo a satisfação de desejos pessoais e egoístas:

É evidente que quem roga de tal modo não leva em conta a oração pela qual o Cristo Jesus faz ressaltar a disposição fundamental de espírito que deve predominar em toda oração baseada na seguinte: "Pai, afasta de mim este cálice; não se faça contudo a minha vontade, mas a Tua." Eis a fundamental disposição cristã da oração. Seja qual for o objetivo da oração, é mister que esta disposição fundamental vibre como um som nítido na alma do implorante quando ele quiser orar de modo cristão. Deste modo a fórmula da oração torna-se simplesmente um meio de o homem se elevar às supremas regiões espirituais, a fim de poder sentir em si próprio a presen-

ça de Deus. Assim praticado, esse teor de oração exclui qualquer desejo egoísta ou impulso volitivo, no sentido das palavras “não se faça contudo a minha vontade, mas a Tua”. Disso resulta uma união, uma imersão nesse mundo divino. Obtendo-se essa disposição mental como disposição real de orar, a oração cristã é exatamente a mesma que a meditação – apresentado apenas um aspecto mais sentimental.¹²

A partir dessa consciência é possível agir com serenidade. Devemos saber que diante de um revés, de um diagnóstico de doença grave ou de uma perda, imediatamente a seguir vem a necessidade de agir, de manusear a situação. A manuseabilidade é um dos três itens que compõem o senso de coerência, termo proposto por Aaron Antonovsky, sociólogo americano que desenvolveu os conceitos da salutogênese, na segunda metade do século passado.¹³ A manuseabilidade diz respeito à competência para lidar com o estresse, habilidade que interfere positivamente no prognóstico de doenças como o câncer e o infarto agudo do miocárdio.¹⁴

A manuseabilidade também está ligada ao enfrentamento (*coping*), que é o esforço consciente para resolver problemas pessoais e interpessoais, e procurar controlar, minimizar ou tolerar estresse ou conflito.¹⁵ É a coragem para o passo decisivo, como a do paraquedista segundos antes do salto, que toma impulso, vence o medo e salta em queda livre.

Na trimemoração das qualidades da alma humana – vontade, sentimento e pensamento – lidamos nesta fase do sofrimento com a primeira citada, as forças volitivas.

Podemos, como médicos, dar suporte medicamentoso ao paciente que encontra dificuldades em superar esta fase, através do uso do *Ferrum sidereum*. De acordo com o vademécum brasileiro de medicamentos antroposóficos, suas ações e indicações são:

Estímulo à volição em todos os níveis de organização, por exemplo, para o tratamento auxiliar de estados de esgotamento, reação a choque, depressões, angústia, fobias (agorafobia, claustrofobia), doença do pânico, convalescença, hipotensão arterial, pancreatopatias, dispepsia fermentativa, doença de Crohn.¹⁶

Por via oral, pode ser usado na dinamização D8 ou D10, dez gotas cedo e após o almoço, por pelo menos dois meses. Nos casos em que se deseja ação mais rápida e/ou intensa, o uso injetável subcutâneo está indicado, nas mesmas dinâmizações, duas vezes por semana ou até diariamente – sempre pela manhã.

A NECESSIDADE DE AJUDA E A SIGNIFICABILIDADE

Num segundo momento do drama sagrado de Jesus Cristo,

encontramos a seguinte descrição no Evangelho de Marcos: “E constrangeram um certo Simão, cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz” [Mc 15: 21].⁶

Uma narração similar está no Evangelho de Mateus: “Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz” [Mt 27: 32],⁶ e de Lucas: “E quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus” [Lc 23: 26].⁶ Não existe a descrição nos Evangelhos de que Jesus haveria caído ao carregar a cruz, como se encontra em pinturas e vitrais de antigas catedrais.

É interessante notar que esse Simão não era próximo a Jesus, sequer o conhecia. Era alguém que simplesmente passava por ali. Podemos não achar o significado para que a ajuda venha de onde não se espera, e por isso não aceitá-la. Mas o exemplo dado pelo Cristo é elucidativo: num momento extremamente crítico não foi um discípulo quem o ajudou – não foi João, o mais amado, nem Pedro, aquele a quem foi confiada a ‘chave’ do reino dos céus. Simão, de Cirene (norte da África, atualmente Líbia), foi quem carregou a cruz até o Gólgota.

Somente o Evangelho de Marcos (escrito em Roma nos anos de 64 e 65) cita o nome dos filhos de Simão, Alexandre e Rufo, talvez porque eles tenham se tornado cristãos posteriormente e conhecido Marcos. Paulo [Romanos 16: 21] incluí uma saudação a Rufo e sua mãe. Segundo a tradição, após Simão ajudar Jesus a carregar a cruz, ele voltou pra Cirene e contou o acontecido para sua família. Rufo, como conhecia um pouco da Torá dos judeus, identificou que o homem que seu pai ajudou a carregar a cruz, era o Messias.¹⁷

Aceitar que outros nos auxiliem é apenas constatar que todos necessitamos de ajuda para viver e que ninguém se mantém isoladamente. Esse é o sentido de se viver em sociedade. Wesley Moraes explica o segundo componente do senso de coerência, a significabilidade e sua ligação com a esfera do sentir, dentro das três qualidades citadas da alma humana:

Sob certo ângulo, encontrar um significado para a existência, como processo subjetivo, tem mais relação com os sentimentos, amores, afetos, despertados a partir de onde e com quem se está, do que com reflexões e teorizações. Uma das funções básicas da vida social, como campo afetivo, é a de dar significabilidade a cada indivíduo. Nós não podemos encontrar significabilidade existencial sendo isolados, em estado de solidão – mas somente através da coexistência [...].¹³

Então temos aqui os dois aspectos do sofrimento, o primeiro, essencialmente humano – necessitar de ajuda para carregar a cruz, pois esta ficou demasiadamente pesada e

chegou-se a um limite além do qual não se vai sem ajuda –; e o segundo, o divino – a humildade de reconhecer o limite e aceitar ajuda, mesmo que seja de alguém que não foi propriamente eleito para isso, muitas vezes foi ‘constrangido’ a ajudar.

Podemos observar que alguns pacientes têm dificuldade de aceitar ajuda externa e mesmo com grande esforço tentam sozinhos “carregar sua cruz”, isolam-se dos demais, fechando-se em si mesmos. Do ponto de vista médico-terapêutico, a questão do isolamento, do embotamento e de não reconhecer os limites, indica que estamos na esfera de atuação do *Plumbum*. O paciente em dificuldade nesta fase poderia receber *Plumbum metallicum* (ou *Plumbum metallicum praeparatum* Weleda, ou ainda *Plumbum mellitum* Weleda) que tem a propriedade de dar limites¹⁶ e atuar no embotamento mental,¹⁸ em dinamização D8 até D12, dez gotas por via oral cedo, por um ou dois meses. De modo alternativo, igualmente eficaz, é usá-lo na forma de pomada (D5) a ser friccionada pela manhã na região do baço.

O ABANDONO E A COMPREENSIBILIDADE

As penúltimas palavras de Jesus, na cruz, estão profundamente ligadas à sensação de abandono: “E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni’; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” [Mt 27: 46].⁶ Citação similar encontra-se no Evangelho de Marcos: “E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: ‘Eloi, Eloi, lamá sabactâni?’ Que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” [Mc 15: 34].⁶

Isso nos remete aos Salmos, do rei Davi: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?” [Salmos 22:1].⁶

Perguntar o porquê de um fato significa buscar sua compreensão, suas razões. Isso nos remete, dentro do estudo do senso de coerência, à compreensibilidade, atributo do pensamento.

Para Steiner,

O elemento espiritual abandona agora o corpo físico e, com isso, toda a substancialidade divina que fora trazida com ele. [...] E continuaram soando as antigas palavras dos mistérios proferidas quando a natureza espiritual do homem se desprendia do corpo físico, a fim de vislumbrar o mundo espiritual: “Meu Deus, meu Deus, como me glorificaste” – e ele as modifica dizendo, ao olhar para o corpo físico: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” [Mateus 27: 46] Isso significa “tu te ausentaste de mim”, ou seja, “neste momento me descartaste”. A atenção do autor do Evangelho de Mateus está especialmente dirigida a esse momento, a esse “abandono”.⁵

Nesta fase o paciente necessita de acolhimento, de ser aquecido animicamente e de saber que sentir-se abandonado não deve lhe trazer culpa ou autorrepreensão, pois é uma reação humana, absolutamente normal e até esperada diante de uma grave doença, revés ou perda.

A compreensibilidade também está profundamente conectada à espiritualidade, que deveria suprir o indivíduo da consciência de pertencimento a uma ordem maior, de amparo e acolhimento divino paterno/materno e de sincronicidade de fatos e encontros. O materialismo, que é a ausência dessa consciência, traz a ideia do caos, segundo a qual não estaríamos amparados diante dos reveses, e que estes ocorreriam totalmente ao acaso. A própria noção materialista da morte como fim de tudo se opõe à ideia de eternidade, sempre presente na alma humana.

O nazismo produziu, em meio a suas atrocidades desumanas, danos terríveis à vida de milhões de pessoas. Mas como toda ação gera uma reação oposta e de igual intensidade (terceira lei de Newton), em meio ao sofrimento extremo e à escuridão, houve quem encontrasse forças internas para produzir, do caos, um conhecimento libertador. Viktor E. Frankl, psiquiatra austríaco que viveu na carne o drama do holocausto, criou, a partir dessa vivência, a logoterapia – um sistema teórico-prático de psicoterapia focado no sentido da vida e na realização daquilo que a pessoa compreende como sua missão na Terra. Frankl explicita a compreensibilidade diante do sofrimento:

Compreendo agora as coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si da pessoa amada. Pela primeira vez na vida entendo o que quer dizer: os anjos são bem-aventurados na perpétua contemplação, em amor, de uma glória infinita...¹⁹

Entregar-se interiormente “à imagem da pessoa amada”, à “contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada” foi, no caso de Jesus Cristo, a entrega ao Pai. “Pai, por que me abandonaste?” foram, como citado acima, as penúltimas palavras. Sentir-se abandonado no momento do sofrimento é essencialmente humano. Mas

as últimas palavras do Cristo não foram humanas, foram divinas: “E, clamando Jesus com grande voz, disse: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.’ E, havendo dito isto, expirou” [Lc 23: 46].⁶

Nos Salmos encontramos esta referência: “Nas tuas mãos encomendo o meu espírito; tu me redimiste, Senhor Deus da verdade” [Salmos 31: 5].⁶

Steiner traz o elemento do amor nos instantes finais do drama sagrado de Jesus:

O autor do Evangelho de Lucas também dirige seu olhar, por ocasião da morte do Cristo Jesus, para o que motivou desde o início: o corpo astral e o portador do eu. Ele não nos diz, portanto, as mesmas palavras. Refere-se a outros fatos, relacionados com o corpo astral, que nesse momento alcança sua máxima capacidade de compaixão e de amor. E ele menciona, portanto, as palavras: “Pai, perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem!” [Lucas 23: 34]. Eis uma declaração de amor que só pode emanar do corpo astral, ao qual o autor do Evangelho de Lucas apontou desde o início. E o que é possível manifestar-se de humildade e devoção emana em extrema medida desse corpo astral ao qual Lucas dirige seu olhar até o fim. Daí suas palavras finais: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!” [Lucas 23: 46].⁵

Para o paciente que apresenta o sentimento de abandono demasiadamente intenso ou prolongado, o médico pode lhe prescrever *Aurum metallicum* (ou *Aurum metallicum praeparatum Weleda*), a ser usado por pelo menos um mês, numa potência média (D12 a D15), por via oral – dez gotas ao anoitecer, ou até três vezes ao dia (que pode ser acrescido ao *Cardiodoron Weleda*), ou ainda por via injetável subcutânea uma a três vezes por semana; eventualmente até uma vez ao dia. O uso tópico, através de pomada (D5) a ser friccionada na região do coração, também é uma opção. *Aurum* “atua nos processos onde as atividades primordiais de calor e luz se expressam através da forma que são a circulação e o coração”.¹⁶

O sentimento de abandono é tido como uma escuridão na alma, e a contemplação da luz amorosa interna deve restituir o equilíbrio.

No mesmo dia em que curou um cego de nascimento, Cristo disse: “Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” [Jo 8: 12].⁶

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

- Hahnemann S. Organon da Arte de Curar. 6ª ed. São Paulo: Robe; 1996.
- Saunders DC. The lessons for living we learn from the dying [monografia na Internet]. The independent; 1998 [citado 2015 Jan 24]. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/the-lessons-for-living-we-learn-from-the-dying-1167510.html>>
- Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
- Pinnock SK. The theology of Dorothee Soelle. Harrisburg: Trinity Press International; 2003.
- Steiner R. O Evangelho segundo Mateus. São Paulo: Antroposófica; 1997.
- Bíblia sagrada [livro na Internet]. Bíblia online Almeida [citado 2014 Dez 20]. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>
- R Steiner. Evangelho segundo Marcos. São Paulo: Antroposófica; 1996.
- Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa [livro na Internet]. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; 2012 [citado 2014 Dez 20]. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br>>
- Nash WA. Resistência dos materiais. 2a ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil; 1982.
- Pinto JLT. Compêndio de resistência dos materiais. São José dos Campos: UNIVAP; 2002.
- Beer FP, Johnston Junior ER. Resistência dos materiais. São Paulo: McGraw-Hill; 1989.
- Steiner R. O Pai Nosso – Considerações esotéricas. São Paulo: Antroposófica; 1986.
- Moraes WA. Salutogênese e auto-cultivo. Rio de Janeiro: Instituto Gaia; 2006.
- Grossarth-Maticek R, Kiene H, Baumgartner SM, Ziegler R. Use of Iscador, an extract of European mistletoe (*Viscum album*), in cancer treatment: prospective nonrandomized and randomized matched-pair studies nested within a cohort study. *Altern Ther Health Med*. 2001; 7(3): 57-66, 68-72, 74-6 passim.
- Weiten W, Lloyd MA, Dunn DS, Hammer EY. *Psychology Applied to Modern Life: Adjustment in the 21st Century*. 9th ed. Belmont: Wadsworth/Cengage; 2009.
- Gardin NE, Schleier R. Medicamentos antroposóficos: *Vademecum*. São Paulo: João de Barro; 2009.
- Brownrigg R. *Who's who in the New Testament*. London: Routledge; 2001.
- Anthroposophische Arzneimittel - Aufbereitungsmonographien der Kommission C. Filderstadt: Gesellschaft Anthroposophischer Ärzte in Deutschland; 1999.
- Frankl VE. *Em Busca de Sentido*. 29ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 2008.

Avaliação: Dois membros do conselho editorial

Recebido em 27/01/2015

Aceito em 01/02/2015